

Apresentação

Presentación

Presentation

Dra. Suzana Ferreira Paulino Domingos¹

Este dossiê apresenta pesquisas interdisciplinares que refletem, discutem e analisam, em diversas áreas e linguagens, perspectivas e visões de mundo, a partir de espaços, momentos sócio-históricos e discursivos da prática e do processo de ensino de manifestações culturais, étnico-raciais e decoloniais nas segmentações que compreendem o ensino, a aprendizagem, e a inclusão social em ambientes formais e/ou não-formais de educação, a partir de projetos e ações pautados no acesso à saúde, ao trabalho, à educação, a fim de observar o que as iniciativas individuais, empresariais e governamentais, ou não, têm produzido nos campos da preservação, afirmação de identidades e inclusão social. Partindo do pressuposto de que o pensamento decolonial e a sua prática oportunizam o fortalecimento de identidades, minorias, grupos vulneráveis por processos educativo-culturais adotados, destacam-se práticas e espaços que convergem para a relação do sujeito em contato com as manifestações linguísticas, sociais, culturais e econômicas. O desfalque na assistência do Estado, em diversos segmentos da sociedade, torna propício o surgimento de iniciativas da sociedade civil que oferecem suporte às demandas sociais, educacionais e culturais.

Manifestações culturais, sustentabilidade, responsabilidade e inclusão social estão mais presentes nas agendas governamentais, devido às demandas da sociedade, com significações distintas, a atuação dos movimentos sociais e organizações não governamentais no Brasil como espaços de educação não formal, analisando como os discursos e ações dos sujeitos expressam suas identidades. Assim, faz-se necessário resgatar a história do povo brasileiro, reconhecendo a valorização e difusão da matriz cultural europeia no país pelos colonizadores portugueses, ao passo que as manifestações culturais negras e indígenas foram depreciadas e reprimidas no processo de colonização (MIGNOLO, 2010). Ao visualizarmos este cenário de negação, desde o Brasil Colônia, contemplamos a repercussão nos dias atuais, nos quais elementos culturais de matriz africana, religião, mulheres, negros, indígenas, grupos

¹ Doutora em Letras; Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho; Cabo de Santo Agostinho; Pernambuco Brasil; suzana.paulino@ufrpe.br.

vulneráveis e minorias, ou seja, a matriz não-dominante (SOUSA SANTOS, 2015), são vistos de forma preconceituosa, por vezes, sequenciando episódios de intolerância e violência, incorporados em vários contextos.

Todavia, se há esferas da sociedade que reverberam a negação da cultura afro-brasileira, das minorias, das mulheres, dos vulneráveis, há esforços de movimentos e possibilitando descobertas que perpassam identidades e conexões com a ancestralidade, os direitos constitucionais e o exercício da cidadania. Considerando que os ambientes de educação não formal sugerem um meio de propulsão do conhecimento contra-hegemônico (GROSFOGUEL, 2012), fortalecendo relações identitárias étnico-raciais, a análise dos processos educativo-culturais adotados por estes pode revelar trajetórias alternativas e eficazes para o reconhecimento e manutenção das manifestações, que pertencem à História do povo brasileiro. As pesquisas trouxeram ao debate aspectos relevantes das relações entre linguagem, raça e gênero, etnia, status social, luta de classes, resistência, inclusão social, entre outros, tomando pontos de vista sócio-historicamente situados, pois a posição de poder nessas relações, geralmente, são assimétricas.

Este dossiê de perspectiva interseccional, partilha o pressuposto da Epistemologia Decolonial que organiza diferenças e desigualdades entre povos, destacando como característica distintiva do projeto decolonial, a produção do conhecimento e as narrativas, a partir da geopolítica e de corpos-políticos de enunciação como uma resposta epistêmica dos subalternos ao projeto eurocêntrico da modernidade, pensando, a partir da perspectiva subalterna, o compromisso ético-político em elaborar um conhecimento contra-hegemônico (GROSFOGUEL, 2012). O *locus* de enunciação não é marcado, apenas, pela localização geopolítica no sistema mundial moderno/colonial, mas pelas hierarquias raciais, de classe, gênero e sexualidade que incidem sobre o corpo. A interdisciplinaridade dos estudos considera a linguagem uma prática social, revelando fundamentos ideológico-discursivos que se naturalizam e se tornam comuns, ao longo do tempo, pela análise textual, da prática discursiva e dos eventos discursivos como instâncias da prática sociocultural, fundamentando-se no padrão de acesso desigual aos recursos linguísticos e aos eventos comunicativos sociais controlados pelas instituições, pela estrutura social como sistema hierarquizado de poder e privilégio, determinado por relações materiais, simbólicas e/ou culturais entre os indivíduos.